



## **Belo e poético na arte e a ressignificação do devir humano contemporâneo**

Beautiful and poetic in art and the redefinition of contemporary human becoming

Rafaela Aline Wenzel<sup>1</sup>

**Resumo:** Considero neste ensaio o conceito do belo relacionado ao poético e a manifestação destes na vida e na produção em arte dos devires humanos contemporâneos. Pretendo uma relação quanto ao belo das obras produzidas e sua diferença no tocante ao bonito, para aproximar esclarecimentos sobre o poético na produção em arte. Para esta interlocução, além da experiência pessoal de vinte anos trabalhando com artes e com educação, acompanham-me Giorgio Agamben, Benedito Nunes, M. Merleau-Ponty e outros.

**Palavras-Chave:** Belo; poético; arte; cultura em massa; devir humano contemporâneo.

**Abstract:** I consider in this text the concept of beautiful related to the poetic and the manifestation of these in life and in art production of contemporary human becomings. I intend a relationship as the beautiful of works produced and its difference with regard to the other beautiful, to bring clarification on the poetic production in art. For this dialogue, as well as personal experience twenty years working with arts and education, accompany me Giorgio Agamben, Benedito Nunes, M. Merleau-Ponty and others.

**Keywords:** Beautiful; poetic; art; mass culture; contemporary human becoming.

### **Belo**

Tenho percebido que o belo tem sido um tema tratado com relativo cuidado e controvérsias no campo científico. Concomitante, sempre foi um aspecto almejado através da e na construção de quaisquer obras, tanto de artistas e escritores profissionais quanto de amadores. Ao longo de vinte anos de uma docência em artes que observa e aprende com devires humanos em suas expressões, tanto a partir das artes cênicas quanto das artes plásticas, como também no produzir da literatura em sua amplitude e outras poéticas artísticas, percebo que o belo talvez seja a *coisa mesma* mais almejada e intrínseca à busca nas poéticas de vidas em cada devir humano por suas infinitas manifestações languageiras. Giorgio Agamben pondera que a coisa mesma,

[...] tem portanto na linguagem seu lugar eminente, ainda que seguramente a linguagem não seja adequada a ela, por causa – diz

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação (UNISC). Foi bolsista CAPES/FAPERGS. Especialista em Teoria do Teatro – Cena Contemporânea (UFRGS). Licenciada em Educação Artística – Habilitação em Artes Cênicas (UFRGS). <http://lattes.cnpq.br/8422464086898465>. Pesquisadora do Grupo de Estudos Poéticos na Educação (UNISC)

Platão – de sua fragilidade. Poder-se-ia dizer, usando um aparente paradoxo, que a coisa mesma é o que, mesmo transcendendo de algum modo a linguagem, só é, todavia, possível na linguagem e em virtude da linguagem: a coisa da linguagem portanto. A coisa mesma [...] não é de fato uma outra coisa, mas *a mesma* coisa, já não, porém, suposta pelo nome e pelo *logos*, como um obscuro pressuposto real [...], mas no próprio meio de sua cognoscibilidade, na pura luz de seu revelar-se e anunciar-se ao conhecimento (AGAMBEN, 2015, p. 13 – 15).

Tradicionalmente avaliado como algo fundamental e intrínseco às obras já produzidas na história, em que a maioria das que chegam até nós são conhecidas como *obras primas*, em todos os estilos e em diferentes âmbitos de manifestações artísticas, desde o ambiente estudantil até o profissional, parece que se não houver algum aspecto de belo sob alguma instância, uma obra constituída não atrai os públicos aos quais objetiva-se atingir.

Apesar de ser um campo extremamente desafiador, em que a ciência posiciona-se cheia de ressalvas ao tocar no assunto, muitas vezes inclusive abolindo as palavras relacionadas a este universo da ciência estética do vocabulário, posiciono-me aqui como escritora e docente em artes em processo de pensares e, convido você, leitor, a aprofundarmos juntos pensamentos quanto algumas abordagens que dizem respeito ao universo das artes como algo um tanto institucionalizado em nossa cultura ocidental e como um processo de, o estar na produção e no exercício presente do sensível. Isto para aprofundar o estudo no tocante ao belo e ao poético junto aos devires humanos, por estar ciente de que o senso comum facilmente confunde belo e bonito e ainda, como a cereja do bolo, confunde facilmente qualquer coisa em arte como sendo sinônimo de poético. Cabe ainda firmar um acordo com o leitor de que utilizarei aqui neste ensaio as palavras belo e beleza como similares. E que a nenhum dos mesmos necessariamente está relacionada a ideia de boniteza das formas estéticas – este talvez seja um ponto chave para iniciarmos este pensar juntos, que belo (ou beleza) é distinto de boniteza, ainda que o primeiro possa absorver o segundo – , estou propondo falarmos de algo mais profundo, com sentido e presença. E ainda, cabe firmar que para devir humano estou relacionando como a vida em movimento<sup>2</sup> no atravessar<sup>3</sup> o mundo. Como uma relação de

---

<sup>2</sup> Numa relação ao proposto por Maurice Merleau-Ponty (1975, p. 321) de que “temos que encontrar um sentido no devir da linguagem, concebê-lo como um *equilíbrio em movimento*”.

possibilidades poéticas e linguageiras que atravessam o mundo e inúmeros mundos possíveis, distintos em suas características materiais, vivências, pensamentos, em possibilidades fora de si e em si.

Mas no que, afinal, implica o belo? Sem a pretensão de conceituar, mas de elucidar sob algum aspecto, buscarei ao longo do texto fazer uma aproximação de ideias que são ao mesmo tempo tão distintas e tão próximas, mas muitas vezes confusas, principalmente ao senso comum. Ideias diferentes daquelas relacionadas à boniteza das coisas e da mera observação das formas e técnicas tidas com uma relação de perfeição técnica, de bem executadas naquela arte considerada como produto já finalizado. Por exemplo, se pensarmos nos artistas acadêmicos, mesmo que dominem inúmeras técnicas que envolvem o produzir, não é garantia de que consigam captar o público ao qual destinam-se. Público este, que pede, que deseja e que permite deleitar-se com aquele algo mais. Um algo mais que talvez possamos enxergar nas obras de um autodidata, de um artista de rua, por exemplo, que pode conseguir absorver a nossa atenção e sensibilidade estética ao ponto de resgatar emoções intrínsecas ao nosso gosto ou mesmo ao desgosto e que pode arrebatá-lo por sua natureza incondicional de ter presente em sua obra aspectos de beleza.

Beleza, segundo João Francisco Duarte Jr. (2004, p. 163) “ou o seu sentimento, origina-se nos domínios do sensível, esse vasto reino sobre o qual se assenta a existência de todos nós, humanos”.

Beleza no dia a dia, desde a arrumação de um ambiente pessoal, ao singelo capricho do cotidiano, pode ser espelho apenas de bonitezas. O que caracteriza o excêntrico belo arrebatador trata daquele algo especial que faz com que os devires queiram se sentir exclusivos diante do mundo e da natureza. Possível então, compreender atitudes distintas que movem o mundo com eufóricas exibições, por exemplo, por estilos de vidas diferentes, mesmo quando a cultura de origem e formação tenham sido idênticas. A modificação do estado de origem faz parte de uma busca pelo tornar perfeito através do modelo. Platão já considerava que o mundo das ideias, o modelo, seria o perfeito, o almejado. E o estado original das coisas o imperfeito. No caso das produções de obras de arte, podemos afirmar que está certo. Belo em arte é a produção de uma verdade, a verdade do seu criador. A expressão do sensível em arte é uma espécie de desejo do mundo perfeito conforme o pensar de quem produz. É recriação através dos seus conceitos pessoais do que seria magnífico, o círculo. Belo e perfeito! Seja no grotesco e feio das formas ou, seja no bonito, limpo e com capricho.

---

<sup>3</sup> A expressão atravessar parte da relação com travessia, proposta por Carlos Skliar (2014).

Poder-se-á considerar que a expressão em arte é uma busca inteligível de aperfeiçoamento do próprio mundo real, através do ficcional. O real é imperfeito, a expressão em arte, ao seu modo, é perfeita. E pela potência de produzir presenças poéticas, bela!

Infelizmente é muito comum observarmos equívocos utilizando as palavras belo e beleza para retratar uma ideia que necessariamente não lhes compete, a de bonito. As mesmas, tanto em arte como em outras instâncias da natureza, podem tranquilamente absorver os valores de bonito como os de feio das materialidades e formas apresentadas. Quando algo é tido com o aspecto de beleza se sobrepõe a forma inicial da sua aparência. Em verdade, muitas vezes temos a palavra sendo utilizada apenas para criar um relato de uma mera boniteza.

Segundo Benedito Nunes (2008), o filósofo Alexander Baumgarten, conceitua o belo como aquele que fala à inteligência dos nossos sentidos, que nos toca. Considero que o mesmo está na relação em ato com a obra, na produção de presença com a natureza da coisa mesma apropriada. Nisto há um encontro do belo com o poético. No caso da arte institucionalizada, em suas inúmeras formas de expressões, considero que belo é quando da presença do poético em forma, materializado. Sempre lembrando que esse conceito pode absorver ou estar tanto no bonito quanto no feio como forma, que, em arte, almeja a consideração de belo por sua manifestação. O feio que arrebatava, da mesma forma que o bonito que arrebatava, possui a tão almejada instância da beleza. O feio que não nos significa, assim como o bonito simplesmente pelo bonito, pode ter capricho, formas limpas, mas necessariamente não possui o excêntrico belo que nos toca, muitas vezes arrebatador.

A arte como obra acabada para a apreciação, que consegue atingir a característica do belo é capaz de reverberar, trazer à luz das percepções e ecoar vozes, rumores. Seja no tocante ao bonito, caprichado ou, seja no universo do feio e do grotesco. De alguma forma nos afecta. Toca e transforma e dessa forma faz transformar e tocar também.

Tenho considerado que o belo habita naquele algo mais que toca em nossos saberes sensíveis, em nossas emoções. E que a arte como processo, o estar na produção, é o solo fértil do poético e onde somos de fato movidos pela poesia. E tanto o belo como o poético movimentam esse processo maravilhoso do exercitar e produzir saberes sensíveis ao devir humano, este que não existe sem movimentar-se no mundo em expressão. Expressões que fomos materializando e constituindo ao longo dos anos numa visão institucionalizada hoje denominada por arte. Um produzir sensível que está

em todos os tempos. Que está em cada época. Que pode estar na literatura, na música, na pintura, no teatro, nos rituais de infinitas religiosidades.

## Poético

Ao longo da história ocidental, revisitando as manifestações em obras artísticas, é possível observar uma espécie de espelho, do que não foi escrito em palavras, em todo o pensamento humano que aconteceu em cada época. Basta compararmos ao período da Pré-história, onde conhecimentos a respeito de muitos anos antes da existência da escrita ainda estão ao nosso alcance através de manifestações em imagens da época. Da mesma forma, se pensarmos em toda a história posterior, o que repercute na atualidade vai muito além da escrita histórica que a registrou e que é o destaque do seu início, mas sim, uma relação de produção artística e poética com cada época. Uma mostra<sup>4</sup> que *monstra*<sup>4</sup>, assombra, que a arte produz anteriormente: dos pensamentos, dos costumes e atitudes dos povos em cada período. A arte como parte do processo de produção em presença, de poética, rompe barreiras e mostra sentidos. Cria sentidos que vão além do já sentido. Que se aprofundam. Desvenda mistérios, precede pensamentos, por ser o poético do devir em expressão. O movimento da expressão tem em si a possibilidade de constituir poesia.

Jean Luc-Nancy (2013, p. 416), considera que “o sentido da “poesia” é um sentido sempre por fazer”. Não raro, utilizamos os termos *poíesis*, poética, poético e poesia para os mesmos âmbitos de diálogos, no intuito de trazer sentidos à presença. Porém, a palavra poesia também é facilmente difundida e confundida apenas com uma relação ao poema literário, este que pode conter o poético sim e ser uma manifestação poética em expressão. Mas o termo poesia significa algo muito maior, vai além da poesia literária (ou poema). Estar em estado de poesia ou habitando o poético pode acontecer em qualquer forma de expressão, em qualquer tipo ou estilo de manifestação, na sua potência e possivelmente na sua impotência também, seja no que constituímos hoje como arte, como em toda e qualquer forma de produção e expressão em linguagem. Agamben (2012, p.120) considera que temos poesia cada vez que algo vem “ao ser a partir do não ser”, quando produzimos pela primeira vez, ou como se fosse a primeira, mesmo quando a cada vez.

---

<sup>4</sup> Expressão tradicionalmente oralizada pela Dr<sup>a</sup> Sandra Regina Simonis Richter (UNISC/RS).

O que é expresso na poetização em arte relaciona-se a uma espécie de razão<sup>5</sup> dos sentidos e emoções dos devires humanos em linguagem. Como nos convoca a pensar Maurice Merleau-Ponty (1975, p. 328): “esse sujeito, que se sente constituído no momento em que funciona como constituinte, é meu corpo”. O corpo expressa porque é movimento. Um corpo vivido e experimentado. Por isso vivo e pensante. E que expressando, possibilita a criação de outros novos sentidos. Por isso a expressão sensível e a produção em arte permitem e produzem poéticas! Poética, quando e como produtora de sentidos, em presença. Agamben (2012, p. 104) afirma que “toda vez que algo é pro-duzido, isto é, é levado da ocultação e do não ser á luz da presença, tem-se pófesis, pro-dução, poesia”.

Henri Meschonnic (2010, p. XIX) lembra um provérbio que diz que “olhar o produto primeiro é [...] olhar o dedo, quando o sábio mostra a lua”. Estar na poesia, no poético, propõe travessias, inauguração de novos mundos em nós mesmos e nos outros. Que produz, que mostra, traz, faz emergir sentidos. Mas não podemos reduzir o poético à simples produção de qualquer sentido em qualquer momento. O poético é produção de sentido sim, em presença! É o momento sublime do que me coloca diante do sentido. Que traz à percepção corporal. Do primeiro. Do primeiro a cada vez. Do sentir a presença deste instante, e instantes, de acesso ao sentido. Para Nancy, (2013, p. 420) poesia significa “o primeiro fazer, ou, então, o fazer na medida em que é sempre primeiro, original a cada vez”. Visto que convoca os sentidos para um desvelamento, para um sentido novo, mesmo quando (re)convoca um sentido já vivido e experimentado. Nancy ressalta que,

Littré ainda declara que, em seu sentido figurado, “diz-se poesia de tudo o que há de elevado, de tocante, em uma obra de arte, no caráter ou na beleza de uma pessoa e até mesmo em uma produção natural”. Assim, no que se afasta de seu emprego literário, essa palavra assume um sentido exclusivamente figurado, mas esse sentido não é senão uma extensão do sentido absoluto, ou seja, da unidade indeterminada de qualidades, cujas características genéricas são fornecidas pelos termos “elevado” e “tocante” (NANCY, 2013, p. 416).

---

<sup>5</sup> Utilizo esta expressão como algo do senso comum para facilitar uma relação de compreensão a que proponho.

É relativamente comum que o sentido do elevado e do tocante sejam caracterizados como poéticos. E percebe-se que isso não é desconexo, pois a potência do poético está na capacidade de ser tocante, de trazer à percepção. Porém, tomar apenas esses sentidos em consideração seria apequenar a grandeza do poético que é mais complexo em seus sentidos. Considero que é possível afirmar que há ali, habitando o poético, mais do verdadeiro, mais do humano que possa existir, pois em ato. E ali é o instante no qual o poético pode estar tanto nas luzes como na escuridão.

Segundo Agamben (2012, p. 122), “a essência da *poíesis* não tem nada a ver com a expressão de uma vontade [...] ela reside, ao contrário, na produção da verdade e na abertura, que resulta dela, de um mundo para a existência e a ação do homem”. Compreendo, porém, como um limiar de acréscimo, na tangente ao campo da educação, que a educação poética tem a ver com um trazer à vontade de linguagem! Tem a ver com propor vontades ao agir e ao produzir. Como a própria produção em presença de linguagem para instigar a vontade de outras linguagens. A educação poética como aquela propositora de sentidos. Porém, nem tudo só porque tem um sentido, é sinônimo de poético. Para Nancy (2013),

[...] a poesia [...] ela nega, no acesso ao sentido, aquilo que determinaria esse acesso como uma passagem, uma via ou um caminho, e que também o afirma como uma presença, uma invasão. Mais que um acesso ao sentido, é um acesso de sentido (NANCY, 2013, p. 417 – 418).

As poéticas de vidas, de devires em seus modos languageiros, mostram-se em cada momento histórico e tornam-se presenças principalmente através do que concebemos hoje como arte. O poético propõe produção imaterial, mas que pode materializar-se. Penso que aí torna-se belo, quando substantiva. O belo é substantivo e o poético é verbo, ação. Por isso, mais do que nunca, a contemporaneidade carece pelo poético. O belo está presente nas obras que tradicionalmente permanecem em nosso meio ainda na contemporaneidade. Objetos criados em cada época, por exemplo, textos literários, formas, arquiteturas, pinturas, esculturas, utensílios de vestuário, teatros, músicas, rituais, entre muitos outros. Muito além do tempo da atualidade enquanto época histórica, por contemporâneo, Agamben propõe considerar que:

[...] é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a *relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo*. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela (AGAMBEN, 2009, p.59).

As manifestações expressas e produzidas em cada época podem ser consideradas contemporâneas de seu tempo, pois produtoras de presença em seu período histórico. Por isso de alguma forma marcaram a sua época, deixando registros que perduram ainda hoje. Agamben acrescenta ainda ao contemporâneo, que:

[...] é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente (AGAMBEN, 2009, p.62 – 63).

A arte em nossa época, que chamarei aqui também de contemporânea, como além do pós-moderno, se faz presente com obras cheias de rupturas, expressando a poética de distintos devires em linguagem no mundo contemporâneo. Torna forma em presença tanto de pensamentos, quanto de ações, de sentidos e emoções diante de um mundo em que ao mesmo tempo que habita, busca inovações. O contemporâneo rompe barreiras de conceitos e pré-conceitos, e ao mesmo tempo que rompe, volta-se também para as origens de tradições culturais, sociais e espirituais. Mas a grande distinção contemporânea tem sido a relação com as tecnologias que encarnam corporeidades sensíveis distintas de outras épocas já presenciadas.

### **Cultura em massa**

Em meio à complexidade dos atravessamentos que tecem as expressões contemporâneas tanto nas produções artísticas quanto no processo da própria constituição humana em linguagem, podemos constatar a presença da indústria cultural



em massa. Esse tipo de indústria, ciente ou não de seu movimento, percebendo ou não que motiva características nos comportamentos contemporâneos, para o bem e para o mal, vem esquematizando pensamentos comuns que desencadeiam um consumismo desenfreado em seus produtos. Pensamentos que muitas vezes vão se limitando e embrutecendo o refletir próprio do devir humano, pois, o próprio pensar e agir poéticos encontram-se influenciados pelo mundo vivido proposto em massa.

A ideia de verticalidade nas culturas de massa tem sido muito contestada. Este, como algo imposto de cima por alguns e aceito numa espécie de descida vertical em relação a outros devires em linguagem. Questionada quanto ao como se todos os produtos direcionados para as massas pendessem à banalização primeira da forma e do conteúdo. Como lembra Armando Sant'anna (1998):

O sociólogo Herbert Blumer separa quatro componentes sociológicos que, em conjunto, identificam a massa. Primeiro: seus membros podem vir de qualquer profissão e de todas as camadas sociais. A massa pode incluir pessoas de diversas posições sociais, de diferentes vocações, de variados níveis culturais e de riqueza. Segundo: a massa é um grupo anônimo ou, mais exatamente, composta de indivíduos anônimos. Terceiro: existe pouca interação ou troca de experiência entre os membros da massa. [...] Quarto: a massa é frouxamente organizada e não é capaz de agir de comum acordo e com a unidade que caracteriza a multidão. [...] o indivíduo (embora seja anônimo para o comunicador) poucas vezes é anônimo no seu ambiente social. Geralmente, é membro de uma rede de agrupamentos primários e secundários – família, grupos de amizade [...] (SANT'ANNA, 1998, p. 03).

Marcelo Bulhões também pondera que a crítica às culturas de massa podem apresentar equívocos, e que:

[...] haveria tantas ficções midiáticas quantas seriam suas distintas possibilidades formais e inventivas, estruturais e de gênero, que também se transformariam continuamente, reagindo às mudanças dos próprios meios tecnológicos. Também não se classificaria o consumidor dos produtos ficcionais como homogêneo e robotizado,

pois não seria único, mas multiplicado em vários, e não poderia ser posto na vala do comum de mero receptáculo ingênuo e inerte das narrativas midiáticas (BULHÕES, 2009, p. 51).

Partindo da imensa importância desta relação contemporânea de pensar as massas, considero que existe um tipo de indústria cultural que domina a compreensão da existência de um denominador comum que rege um princípio que afecta, sim, as massas como grandes coletivos, ou seja, em grandes proporções aos devires humanos. Visto que o esforço das produções tange o objetivo de agraciar o maior número possível de pessoas. O diretor de cinema Carlos Gerbase (2014, p.17) propõe que “todo o esforço é no sentido de conquistar o espectador, o outro, o anônimo”. Nisto é possível perceber o movimento desprendido a partir de inúmeros meios tecnológicos contemporâneos, por exemplo, que invadem os espaços íntimos, adentrando e coo-habitando facilmente os habitats e os corpos. Dessa forma, propondo uma relação que pode sim, sob algum aspecto, ser tomada por comum. As culturas em massa apresentam uma relação com o mundo vivido por cada devir, o que é um movimento pessoal deste humano e não homogêneo. Por isso pode parecer dicotômico, mas, apesar de falar com diferentes, utilizam uma linguagem que acaba por ser comum a todos, que em algum aspecto dimensiona a esse denominador comum. Este denominador é um percebido, porém invisível a uma massa que facilmente o segue como ditame e daí influenciada inclusive às posteriores relações com o poético, o belo, o bonito e o feio, numa ilusão de que se está participando do movimento de beleza cultural contemporânea, quando há uma indução muitas vezes cega a inúmeros estereótipos pré-modelados de bonitezas atrativas aos sentidos superficiais do público-espectador-consumidor.

### **Ressignificação do devir contemporâneo**

Ao procurar conhecer a evolução da arte, de pensamentos filosóficos inerentes à mesma e de expoentes na história, saltam questionamentos quanto ao o que caracteriza o devir humano ao longo de sua historicidade para pensá-lo na contemporaneidade. Emerge a presença de co-criação e responsabilidade pela própria produção poética em seu próprio devir, onde hoje, ocupa também o lugar de espectador do coletivo, de espectador individual e de consumidor voraz.

O devir humano contemporâneo do séc. XXI – percepção sob a relação na cultura ocidental – parece também apresentar um retorno à espiritualidade. Cada vez mais assume com segurança e firmeza as posições de seu pensamento intuitivo, sem ser

crucificado ou queimado na fogueira da inquisição, ou mesmo com menos risco de ser discriminado entre as culturas atuais. É caracterizado por possibilidades livres em fazer suas próprias escolhas, em pensar e agir conforme seus preceitos filosóficos, independente de nomes que se deem aos vínculos de seu pensamento. Mas, principalmente, é perceptível em seu movimento a preocupação com todas as instâncias da beleza, especialmente com a boniteza de sua própria aparência, do seu corpo físico e de seus objetos de utilização pessoal. É nítido o movimento cultural onde tudo o que envolve a instância do belo, especialmente como o bonito das formas, poder-se-á dizer que gera uma relação de status, gera uma autossatisfação que vai além de si próprio, atingindo uma dimensão no espaço para além do seu eu.

[...] no passado, como relata Umberto Eco (2007), alguns senhores ricos pediam aos artistas que seus traços fossem suavizados ao serem pintados em óleo sobre tela, para que sua imagem se tornasse bela. Isso pode sinalizar que a busca pela beleza imaginada sempre foi uma constante no desejo humano (GARCIA, 2013, p. 27).

A evolução dos conceitos relacionados à beleza, especialmente na filosofia e nas produções em arte ao longo da história, passa inicialmente pelo aspecto físico do corpo. Na Idade Antiga, por exemplo, a valorização do corpo masculino apresentava corpos desnudos que exalavam músculos e torneados deslumbrantes, graças aos esportes olímpicos criados e evidenciados naquele período, onde também podemos observar um grande número de obras primas que marcaram a história com seus *nus artísticos*. Ou ainda, a valorização com ênfase no corpo feminino como aparecia na Modernidade, por exemplo, e é altamente exaltado na contemporaneidade. No caso da historicidade feminina, a impressão é a de uma *bestialização* da figura desta ao menosprezá-la apenas à beleza efêmera, comum das formas físicas e passageiras da jovialidade, demarcando territórios e criando fronteiras para qualquer tentativa que houvesse em outras épocas de beleza intelectual por parte das mulheres. Este fenômeno pode ser observado por longas gerações dentro da história.

Se buscarmos no passado, aos homens era dado o poder de pensar sobre todas as coisas e a dádiva de estudar, já às mulheres, apenas a submissão ao pensamento masculino ao longo de milhares de gerações. Conforme Márcia Tiburi (2002), em troca, obtinha-se a exaltação e uma irradiação de tudo o quanto fosse caprichado, leve e bonito.

Considero que a evolução da ciência estética potencializa, hoje, as manifestações em arte para um hibridismo da beleza das formas com a beleza do pensar. Unindo, na contemporaneidade, as temáticas que provocam o deleite do prazer sensível ao deleite do prazer intelectual, especialmente no que tange a presença feminina na história intelectual.

Pensar na estética pessoal está inerente aos devires humanos em inúmeras culturas e épocas, mas há uma mudança especialmente gerada no século XX e que vem numa crescente evolução no séc. XXI, que é a dos preocupados, como nunca visto em tamanha proporção na historicidade do mundo, com a estética corporal. Há, hoje, maior preocupação com a boniteza estética gerada pelas vaidades dos corpos físicos e não necessariamente do que chamamos comumente de “essência” do belo, ou de beleza interior, que caracteriza uma verdadeira poética da vida. Desde cirurgias e tratamentos plásticos que modificam tanto a forma ao ponto de descaracterizar o aspecto humano, onde, em nome do bonito, se perde o movimento do belo e do poético em devir no mundo, caracterizando uma espécie de artificialidade da aparência e da própria movimentação, até às mulheres que já não querem engravidar por medo de perder a aparência corporal da juventude. Sem poder conhecer a beleza e a espiritualidade maternal de gerar outra vida e de perceber em outro devir a continuidade e ressignificação da própria genética. Dicotômico é ser tão comum ouvirmos falar nas poéticas da infância<sup>6</sup>, ou de que é na infância que temos a verdadeira poesia da vida. Isto, pois a mesma permite vivermos mais de perto verdadeiras produções em presença, e talvez este seja o sentido que buscamos resgatar constantemente ao longo das produções posteriores de nossos devires em existência. É possível perceber o belo como a coisa mesma da obra, e no devir em movimento no mundo, o poético.

O expressar dos devires em produção artística, muitas vezes produz formas bonitas e bem apresentáveis aos olhos, porém, também pode estar presente em manifestações que se mostram por formas grotescas e que encontram-se numa categoria de ridículas ao senso comum de estética, sendo que de uma forma ou de outra, podem ou não convencer os nossos sentidos. O bonito e o feio sempre existiram enquanto estética. Eles estão na forma. Na materialidade em presença. O belo e o poético vão muito além da forma, pois transcendem. E sendo assim, tanto o belo, quanto o poético, vão muito além da boniteza ou da feiura das formas. Estes são incrivelmente mais profundos e arrebatadores, e são muito próximos também. Considero que é possível agora perceber o belo enquanto poético das formas, das substâncias, das expressões e da vida, como uma relação com a materialidade, mesmo no imaterial. E o poético, que está em produção de

---

<sup>6</sup> Não utilizo aqui a denominação enquanto começos, mas literalmente como a infância do infante.

sentido em presença, seria um estado imaterial, mesmo das materialidades. Está no movimento. Transforma. Está e mantém-se em movimento por fazer-se no próprio ato de fazer.

Significar e ressignificar o dia a dia em nossos devires está entre as tarefas mais básicas enquanto humanidade em processo! O mundo clama por ressignificações pelo poético e pelo belo, cada um a seu modo. Que a suspensão e a transformação por eles provocadas no próprio ato de fazer-se em devir, contribuam para estas ressignificações e travessias de mundos em movimento. Eis o grande desafio das produções em devir, mas especialmente um desafio aos profissionais que trabalham com a ressignificação contemporânea destes devires humanos e do mundo por eles habitado, seja através das produções em arte ou pelos inúmeros modos para uma educação poética.

### **Bibliografia**

- AGAMBEN, G. **A potência do pensamento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- \_\_\_\_\_. **O que é o contemporâneo?** Chapecó, SC: Argos, 2009.
- \_\_\_\_\_. **O homem sem conteúdo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- BULHÕES, M. M. **A ficção nas mídias**. São Paulo: Ática, 2009.
- DUARTE JR., J. F. **O sentido dos sentidos**. Curitiba: Criar edições, 2004.
- GARCIA, E. C. O belo e o feio. **Revista Filosofia**, São Paulo: ano VI, edição 78, p. 24-31, janeiro, 2013.
- GERBASE, Carlos. *Cinema: primeiro filme: descobrindo, fazendo, pensando*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2012.
- MERLEAU-PONTY, M. **Sobre a fenomenologia da linguagem**. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural/ Victor Civita, 1975.
- MESCHCONNIC, H. **Poética do traduzir**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- NANCY, J. L. **Fazer, a poesia**. ALEA. Rio de Janeiro: vol. 15/2, p. 414 – 422, jul – dez, 2013.
- NUNES, B. **Introdução à Filosofia da Arte**. São Paulo: Editora Ática, 2008.
- SANT'ANNA, A. **Propaganda: teoria, técnica e prática**. São Paulo: Pioneira, 1998.
- SKLIAR, C. **O ensinar enquanto travessia**. Salvador: Adufba, 2014.
- TIBURI, M. **Toda Beleza é Difícil**. In: TIBURI, Márcia (org.). **As Mulheres e a Filosofia**. São Leopoldo: Editora Unisinos, p. 23-46, 2002.